

O CAPITAL SEXUAL E SUAS DESIGUALDADES
EL CAPITAL SEXUAL Y SUS DESIGUALDADES
SEXUAL CAPITAL AND ITS INEQUALITIES

Caio César PEDRON*

RESUMO: O objetivo geral deste trabalho está posto na recensão crítica da proposta de abordagem teórica do *capital sexual* de Eva Illouz e Dana Kaplan (2021). Para tal intento, procurei apresentar este modelo de interpretação tanto em sua dimensão formal/descritiva quanto em sua perspectiva histórico-desenvolvimental. Para além da pura análise dos componentes teóricos, apresentei alguns problemas sociais que poderiam ser observados sociologicamente à luz deste enquadramento conceitual.

PALAVRAS-CHAVE: Capital sexual; Amor; Desigualdade sexual.

RESUMEN: *El objetivo general de este trabajo se basa en la rescención crítica del abordaje teórico propuesto sobre el capital sexual por Eva Illouz y Dana Kaplan (2021). Para tanto, miré presentar este modelo de interpretación tanto en su dimensión formal/descriptiva como en su perspectiva histórico-evolutiva. Mas allá del análisis puro de los componentes teóricos, Yo mostré algunos problemas sociales que podrían observarse sociológicamente a la luz de este marco conceptual.*

PALABRAS CLAVE: *Capital sexual; Amor; Desigualdad sexual.*

ABSTRACT: *the general objective of this work is based on the critical review of the proposed theoretical approach to Sexual Capital by Illouz and Kaplan (2021). For this objective, I sought to show this model of interpretation as well in your formal/*

* Doutorando em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), SP, Brasil. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-0774-0138>. Contato: c192481@dac.unicamp.br.

descriptive dimension as in the developmental/historical perspective. Besides the pure analysis of theoretical components, I presented some social problems that could be sociologically observed with this conceptual framework.

KEYWORDS: *Sexual capital; Love; Sexual inequality.*

Introdução

Desde que coloquei os olhos pela primeira vez na obra da socióloga Eva Illouz percebi a potencialidade do arranjo teórico que a autora mobilizou para explicar a *afinidade eletiva* entre uma cultura afetiva extremamente sofisticada e a constituição e emergência do capitalismo tardo-moderno. O primeiro livro ao qual tive acesso foi *O amor nos tempos do capitalismo* (2011) – uma espécie de compêndio das exposições da autora nas prestigiosas Conferências Adorno organizadas no Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt – que oferece uma introdução ao projeto de investigação de Illouz, tanto no seu desenvolvimento histórico quanto no diagnóstico do tempo presente, passando por indicações úteis para a investigação sociológica em meios digitais e por alguns insights teóricos preciosos.

Dentre as ideias ali apresentadas, uma me chamou a atenção em particular, no segundo capítulo do livro a autora mobilizou a teoria dos campos e a ideia de capital como cunhada por Pierre Bourdieu (1930-2002) para pensar as dimensões das emoções e do amor sob a ótica de um *campo de afetos*, com um *estilo de vida* próprio e regido por classificações, distinções e definições imbuídas de um teor psicológico (tal qual nos testes de personalidade, QI e até na ideia de inteligência emocional). Como estudioso do amor enquanto crença emocional (COSTA, 1998) incorporada em práticas que são construídas e reconstruídas historicamente, percebi naquela abordagem uma nova forma através da qual poderíamos observar este processo de transformação¹ afetiva que ocorreu durante o século XX e permanece “acontecendo” no século XXI.

Então, logo que tive acesso ao ensaio *El Capital Sexual en la Modernidad Tardia* (2021), escrito por Illouz em parceria com a também socióloga Dana Kaplan, quis dedicar algumas horas de estudo e redação para resenhá-lo. Sua leitura é indispensável para os que se dedicam a desbravar, sob o ponto de vista da sociologia, o terreno dos amores modernos, compreendendo que a relevância normativa adquirida pela crença na liberdade sexual é somente um dos sintomas da importância defi-

¹ Illouz (2012, p.60-61) utiliza a figura de uma grande transformação no amor – a imagem e semelhança da de Polanyi (2000) – para pensar o processo de autonomização do amor romântico frente às relações familiares, religiosas e comunitárias. Fundamentando, o socialmente determinado, mercado do matrimônio à vontade livre dos indivíduos desejantes.

nitiva que o sexo e a sexualidade alcançaram na atualidade. No tópico seguinte tratarei especificadamente da teoria do capital sexual de Illouz e Kaplan (2021), apresentando-a em sua construção tipológico-genética e, também, discutindo aquilo que parece ser fundamental para análise de conjuntura a qual a teoria se propõe.

Os tipos de capital sexual e o erotismo tardo moderno

Um dos potendados da modernidade é o da separação das circunscrições sociais nas quais residiam os vínculos familiares, as relações íntimas e a autenticidade plena dos indivíduos, daquelas outras dimensões consideradas impessoais, mundanas, seculares, em resumo, *da separação entre o público e o privado*. Os relacionamentos familiares e amorosos – neste novo arranjo social – serviriam como espécies de *equilibradores* da racionalidade instrumental, oferecendo um alívio frente ao cálculo mecânico e egoísta do mundo moderno.

Desta distinção binária surge outra, pois se o sexo era algo íntimo e interno ao relacionamento de duas pessoas no seu âmbito privado, qualquer tentativa de torná-lo público ou mercantil seria nefasta para aqueles que se envolviam nessa prática. Deste modo, surge uma clivagem entre o sexo que era considerado bom e aquele que era ruim, o primeiro era o matrimônio eticamente regulamentado e o segundo era aquele que se fazia na rua (ou nos bordéis) em troca de dinheiro. *A negociação da intimidade* (ZELIZER, 2011) foi colocada sob suspeita, sendo que tanto o trabalho doméstico quanto o sexual deveriam ser considerados dádivas isentas de qualquer vínculo com as trocas mercantis. O trabalho de reprodução feito pelas mulheres continuou sendo desvalorizado – tratado como obrigação ética e “entrega mais humana” – servindo perfeitamente ao processo de acumulação capitalista.

Esse arranjo no qual os homens descansavam suas existências na esfera da vida desinteressada foi sendo progressivamente substituído por uma distinção menos antagônica entre sexo bom ou mau. Desta forma, a prostituição no final século XIX passou a ser tratada como algo positivo, uma descarga de energia pulsional, e até, como denunciou Simmel (2006)², uma forma de manutenção da estrutura de estratificação social durante aquele século.

A frugalidade e o moralismo sexual puritano foram aos poucos cedendo lugar às novas e antigas formas de experimentação dos sentidos, iniciando-se uma nova era de consumo estendido também para o âmbito privado e, conseqüentemente, um

² Em um artigo, ainda no ano de 1892, Georg Simmel (2006) denunciava o uso da prostituição como forma de manutenção dos longos períodos de noivado que os burgueses aristocratas alemães contraíam enquanto estavam expostos ao processo de formação profissional, tendo em vista que muitos destes jovens só alcançariam a autonomia financeira após a admissão no serviço público ou no setor privado (por volta dos trinta anos). Sobrava, portanto, a prostituição como forma de descarga sexual e experimentação da afetividade.

espaço no qual poderiam se desenvolver formas de aquisição e conservação dos recursos sexuais. É deste cenário de mudança que depende a emergência de um campo afetivo com capitais simbólicos específicos (sexuais), ou seja, do momento de maturação da modernidade que alcança sua plenitude durante o desvelamento das décadas do século XX. Partindo deste apanhado contextual, podemos apresentar os tipos de capitais sexuais tabulados abaixo:

Quadro 1 – Tipologia dos capitais sexuais

Tipologia dos capitais sexuais				
Capitais	Definição	Sujeito	Forma de Troca	Local
<i>Capital sexual por defeito</i>	Castidade sexual codificada para operar como capital nos mercados matrimoniais do século XVIII e XIX.	Gênero (Mulher)	Segurança e provisão para as mulheres por castidade.	Casa, âmbito privado, familiar.
<i>Capital sexual como mais-valia do corpo</i>	Exploração mercantil do corpo (trabalho sexual e trabalho com o próprio prazer).	Classe (trabalhadora)	Dinheiro, desejo, bens de consumo erótico.	Consumo de produtos sexuais na casa e exploração do trabalho sexual em bordéis e na rua.
<i>Atrativo e êxito sexual</i>	Esfera social de valor e classificação independente, regras internas de comportamento.	Indivíduo (grupos de status)	Intercambio de sensualidade como capital social em círculos reduzidos.	Localidades urbanas, clubes, subculturas, festas e organizações universitárias.
<i>Capital sexual na modernidade tardia</i>	Sexo e sexualidade objetivados como estilo de vida, identidade, modos de comunicação pessoal.	Classe Média	Troca de sexo como capital humano, forma de distribuição desigual.	Campos sexuais passíveis de transbordamento para outras arenas da vida. (ampliação da “taxa conversibilidade” deste capital sexual).

Fonte: Adaptado de Illouz e Kaplan (2021).

Do ponto de vista espaço/temporal o capital sexual por defeito seria o **primeiro** no processo histórico, estando ainda reservada aquela separação entre sexo bom e sexo mau e, também, os mercados matrimoniais regulados pela distinção entre público e privado. A dessexualização da mulher, sua psicologização primeira

e a medicamentalização do seu corpo estão intimamente ligados com o processo de produção e acumulação capitalista, pois a reprodução social precisava democratizar as mulheres (RUBIN, 2017), oferecendo para cada homem sua esposa como garantia gratuita da reprodução da força de trabalho. “Este tipo de capital sexual encapsula duas ideologias modernas de gênero [...] o sexo pode ser “bom” e domesticado ou “mau” e mercantilizado. E, em segundo lugar, todas as mulheres são virgens por natureza, sexualmente mansas e inclusive carentes de paixão”. (ILLOUZ; KAPLAN, 2021, p.520-52, tradução nossa).

O **segundo** tipo de capital reflete uma mudança histórica ocorrida entre o final do século XIX e início do século XX na qual o erotismo recobra os sentidos e a necessidade de experimentação dos jogos do desejo vai ganhando autonomia sobre a pudica sexual vitoriana. Os grandes empresários fabris percebem que seria necessário “docilizar” os corpos dos seus empregados por meio de uma dominação que levasse em conta a sexualidade dos seus operários, o *freudismo* ganha destaque e passa a operar como um dos grandes motores de arranque dessa nova subjetividade.

Para que a sublimação fosse consumada os homens e as mulheres precisavam destinar parte de sua energia pulsional ao sexo – que deveria ser bem feito, pois assim eles trabalhariam melhor –, anestesiando o componente disruptivo da sexualidade e transformando o próprio corpo em uma superfície de consumo. Portanto, é muito mais que apenas a mercantilização do trabalho sexual – que sempre existiu – ou o tráfico de produtos sexuais, centra-se, a bem da verdade, na constituição de *formas e espaços legítimos para a socialização sexual*, a constituição de um mercado consumidor adequado ao estímulo e exposição do desejo erótico.

O **terceiro** tipo é quase que o resultado lógico do desenvolvimento predecessor, pois se trata da consolidação dos espaços de sociabilidade abertos às novas e velhas formas de experimentação sexual. Os clubes, bares, casas de swing e tantas outras localidades vão aos poucos construindo redes de relações, separando-se em vários subgrupos e culturas próprias às experimentações da sexualidade e das identidades cada vez mais descentralizadas e reorganizadas em múltiplas práticas. O gênero ganha conotação performática, fluída e transitória, adequando o mercado sexual às suas novas demandas e também incorporando as lógicas econômicas aos seus estatutos heterodoxos.

Por fim, o **quarto** e último capital, ou melhor, a última forma de apresentação deste capital na tipologia e, portanto, sua expressão final no tempo presente, ocorre quando essas poses – já estabelecidas em mercados de trabalho e consumo e também constituídas em esferas autônomas e autorreferentes de expressão da sexualidade como performance individual, com um *estilo de vida* típico de grupos sociais intelectualizados – assumem uma função na luta pela conservação e reprodução de uma classe social que se mantém insegura diante do novo arranjo econômico do neoliberalismo, em outras e melhores palavras:

O capital sexual tardo moderno descreve a distribuição desigual do sexo como capital humano. Algumas pessoas são mais propensas do que outras em obter autoestima a partir de sua vida sexual e também estão em melhor posição para utilizar seu capital sexual em sua vida profissional. [...]. Concluímos propondo que o capital sexual moderno tardio não está só configurado pelo capitalismo neoliberal, senão que legitima e ajuda também que este avance. (ILLOUZ; KAPLAN, 2021, p.314-321, tradução nossa).

As autoras entendem não só que a sexualidade e o erotismo tenham sido mercantizados, mas que também são utilizados como espaços de disputa e como *formas de acumulação e conservação de poder simbólico*³. O sexo recreativo, o *estilo de vida* liberto dos constrangimentos sociais e mesmo o matrimônio se constituem como formas legítimas de acumulação de capital sexual que pode ser intercambiado em outras esferas da vida. Portanto, servem junto com capital intelectual, social e econômico, como critérios de distinção e troca válidos para um mundo no qual os jogos de poder se espriam até as raiais da existência mais reclusa, *tiranzando com intimidades a vida pública e publicizando cada aspecto da vida privada* (SENNETT, 2001). A grande novidade da perspectiva das autoras está posta na percepção da conjunção entre gênero e classe que o conceito de capital sexual parece capturar, em suas palavras:

O capital sexual moderno é uma forma autogerida e auto derivada da autoridade da classe média. As relações de classe se reproduzem mediante interações cotidianas – especialmente as que têm lugar no trabalho. Tradicionalmente a autoridade e o privilégio social da classe média foram estabelecidos e reproduzidos dentro dos entornos profissionais. Contudo, a questão agora é o que constitui a autoridade da classe média, já que cada vez menos membros da classe média realizam carreiras profissionais estáveis e gozam de segurança laboral. Em outras palavras, quando

³ O conceito de poder simbólico apresenta a ideia de que a legitimação da ordem social está cristalizada na própria estrutura de percepções e apreciações dos agentes individuais (BOURDIEU, 2004, p.163), quer seja, nossas próprias personalidades, identidades e visões de mundo são cunhadas pela estrutura social da qual fazemos parte. A teoria do capital sexual se torna mais interessante quando projeta também para a dimensão das lutas simbólicas o seu aparato discursivo, digo isso, porque nos permite pensar em como o conjunto de princípios, valores e mesmo definições de situação mudam conforme a estrutura reorienta o gradiente de posições na topografia do espaço social. Desta feita, poderíamos pensar em como a liberdade sexual promoveu um conjunto de transformações que se espriaram para muito além da dimensão privada, por exemplo, na forma como diferentes classes sociais utilizam o sexo como recurso na luta por posições e poder; mas também, em como a ausência deste capital pode ser experimentada por diferentes grupos sociais, por exemplo, homens heterossexuais descontentes com o fardo de se lidar com o modelo concorrencial de disputa em mercados sexuais relativamente “abertos”, nos quais possuíam, anteriormente, uma reserva exclusiva de parceiras, caso específico dos movimentos masculinistas (NAGLE, 2017) que criticam a marcha pelos direitos civis, políticos e sexuais das mulheres.

o emprego é tão precário, os sujeitos da classe média ficam com pouco mais do que suas próprias capacidades afetivas inatas e, no nosso caso, relacionadas com o sexo, para restabelecer sua autoridade (ILLOUZ; KAPLAN, 2021, p.924-932, tradução nossa).

Por isso, o capital sexual se torna tão importante para as camadas médias, pois é através dele – e cada vez mais dele – que elas podem resgatar sua autoridade perdida cujos capitais intelectuais e sociais não conseguem mais recompor. Desta forma, Illouz e Kaplan (2021) assumem um conceito de capital erótico que tem historicidade e que acaba espelhando uma teoria que pretende explicar o *declínio de estabilidade e segurança das classes médias ocidentais*. A expressão dos afetos e emoções passa a ser um recurso escasso, porque, no fundo, é o corpo que sobra para ser manipulado, valorizado e intercambiado em tal cenário de total trituração da estrutura de estratificação social e dos seus mecanismos de reprodução social tradicionais.

Conclusão

Recomendo a leitura do livro *El Capital Sexual en la Modernidad Tardia* para todos os interessados em sociologia das emoções e dos afetos, especialmente, para os estudiosos do amor, pois boa parte da discussão apresentada na brochura responde à tentativa de *reconstrução* (BURAWOY, 2014) do legado bourdiesiano para responder a uma problemática específica. Insere-se numa seara de investigação frutífera, em uma posição mais crítica que a de Catherine Hakim (2012) e mesmo da economia sexual de Roy Baumeister *et al.* (2017), dialogando com Adam Isaiah Green (2014) na concepção de campo sexual – ou afetivo – e também no uso mais adequado da analogia com a teoria dos capitais⁴. Alguns pontos destacáveis para a crítica especializada na *praxeologia bourdiesiana* podem ser apontados segundo um critério de numeração por relevância, são eles:

1) ausência do *habitus* como elemento mediador entre estrutura e agência (BOURDIEU, 2004), na incorporação daquele conjunto de percepções, apreciações e ações cuja estrutura se expressa na singularidade das decisões do ator individual;

⁴ Illouz e Kaplan (2021) não elaboraram um grande debate para com as categorias de campo, de capital e poder simbólico. O ensaio redigido pelas autoras acaba devendo no debate teórico-conceitual, pois há pouca discussão sobre as implicações do uso desta reconstrução conceitual para com a teoria original. A esse respeito, ninguém fez exegese melhor do que Matt Georg (2014), pois o autor tratou de procurar as possíveis explicações para a não utilização dos conceitos de campo e capital pelo próprio Bourdieu em obras que tratavam de gênero, da sexualidade e do amor, como, por exemplo, *A Dominação Masculina* (BOURDIEU, 2011). A responsabilidade por levar esse debate adiante no Brasil é assumida por Maria Chaves Jardim (2019) que, usando as conceituações nativas de *ilusão* e *hexis* corporal, consegue pensar o fenômeno do amor sem precisar de categorias estranhas à matriz *bourdiesiana*.

2) na constituição deste campo afetivo não há uma separação coerente entre ortodoxia e heterodoxia, quer seja, uma definição mais abrangente de quais seriam os dominadores deste campo sexual e quais os critérios de distinção, estratificação e hierarquia que presidiriam este ordenamento social (BOURDIEU, 2007);

3) *Last but not the least*, seria muito interessante se tivesse havido um aprofundamento na análise dos estilos de vida implicados nos gostos sexuais (BOURDIEU, 1983) através da observação da homologia estrutural entre os mercados sexuais e outros mercados de bens simbólicos, isto é, percebendo como o sexo recreativo, *chemsex*, os produtos eróticos e até mesmo os relacionamentos *sugar* podem ser dispostos em um espaço de coordenadas junto de outros tipos de atividade e objetos que indicam certa forma de distribuição da propriedade radicada na lógica do *desvio diferencial* (BOURDIEU, 2004, p.160). Esse tipo de estudo fortaleceria a argumentação das autoras sobre os usos do corpo e da própria sexualidade como recursos na luta simbólica pela sobrevivência de um estrato social.

Neste trabalho procurei reproduzir fidedignamente a leitura que ambas as autoras possuem tanto do processo histórico que culminou com a emergência desta esfera ou campo sexual, quanto da forma como se apossaram do aparato conceitual *bourdiesiano*. Em outra oportunidade pretendo explorar os limites da reconstrução teórica⁵, bem como as possibilidades ainda não exploradas de usos e aplicações que poderemos fazer do conjunto conceitual elaborado. Para além do debate até então constituído sobre os afetos, Illouz e Kaplan (2021) apresentaram uma crítica ao *amor tardo moderno* alicerçada em um interessante enraizamento de classe, gênero e status, mais adiante das esperanças desmensuradas na democracia afetiva (GIDDENS, 1993) e, também, da pessimista *jaula de aço* que a dominação do companheiro menos brutal poderia ensejar (WEBER, 2016).

AGRADECIMENTOS: Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal Superior (CAPES) pela Bolsa de Pesquisa, a qual estive vinculado durante a feitura deste trabalho.

REFERÊNCIAS

BAUMEISTER, Roy; REYNOLDS, Tania.; WINEGARD, Bo.; VOHS, Kathleen. D. Competing for love: Applying sexual economics theory to mating contests. **Journal of**

⁵ Em trabalho posterior pretendo comparar a abordagem de Illouz e Kaplan (2021) daquela que foi elaborada por Catherine Hakim (2012), pois creio que se possa compreender melhor os usos e desusos do espólio *bourdiesiano* para a discussão sobre sexualidade, amor e afetos, através da contraposição destas duas interpretações quase que antagônicas do capital erótico ou sexual. Ademais, poderemos compreender o papel que os valores e os interesses cognitivos têm para com a reconstrução de um artefato conceitual originado em outro contexto espaço-temporal.

Economic Psychology, v.63, 2017. p.230-241. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.joep.2017.07.009>. Acesso em 1 maio, 2024.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 10. ed. Rio de Janeiro, RJ: Bertrand Brasil, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. Introdução, organização e seleção de Sérgio Micelli. Coleção Estudos. São Paulo: Perspectiva, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Coisas Ditas**. Revisão Técnica de Paula Monteiro. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. Gostos de Classe e estilo de vida. *In: Pierre Bourdieu: sociologia*. Org. Renato Ortiz. Coleção Grandes Cientistas Sociais. São Paulo: Editora Ática, 1983.

BURAWOY, Michael. **Marxismo Sociológico**: quatro países, quatro décadas, quatro grandes transformações e uma tradição crítica. São Paulo: Alameda, 2014.

COSTA, Jurandir Freire. **Sem fraude, nem favor**: estudos sobre o amor romântico. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

GEORGE, Matt. Rejecting the Specifically Sexual: Locating the Sexual Field in the Work of Pierre Bourdieu. *In: GREEN, Adam Isaiah (org.). Sexual fields: toward a sociology of collective sexual life*. University of Chicago Press, 2014.

GIDDENS, Anthony. **A Negociação da Intimidade**: sexualidade, amor & erotismo nas sociedades modernas. São Paulo: Editora Unesp, 1993.

GREEN, Adam Isaiah (org.). **Sexual fields**: toward a sociology of collective sexual life. University of Chicago Press, 2014.

HAKIM, Catherine. **Capital Erótico**. Tradução de Joana Faro. Rio de Janeiro: BestBusiness, 2012.

ILLOUZ, Eva. **Por qué duele el amor**: una explicación sociológica. Traduzido por María Victoria Rodil. Buenos Aires (Arg): Katz Editores, 2012.

ILLOUZ, Eva. **O amor nos tempos do capitalismo**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2011

ILLOUZ, Eva. KAPLAN, Dana. **El capital sexual em la modernidad tardía**. Traducción Vicente Merlo Lillo. Barcelona: Herder Editorial, 2021.

JARDIM, Maria Chaves. Para Além da Fórmula do Amor: amor romântico como elemento central na construção do mercado do afeto via aplicativos. **Sociologia e Política**, Florianópolis: SC, v.18.n.43, p.46-76, setembro/dezembro, 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/339990192_Para_alem_da_formula_do_amor_amor_romantico_como_elemento_central_na_construcao_do_mercado_do_afeto_via_aplicativos. Acesso em: 09 out. 2023.

NAGLE, Angela. **Kill all Normies**: the online culture wars from Tumblr and 4chan to the Alt Right and Trump. Wimchester (UK) e Whashington (USA): Zero Books, 2017.

POLANYI, Karl. **A grande transformação**: as origens da nossa época. 2. ed. Rio de Janeiro, RJ: Campus, 2000.

RUBIN, Gayle. **Políticas do Sexo**. Coleção Argonautas. São Paulo: UBU Editora, 2017.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**: as tiranias da intimidade. São Paulo, SP: Companhia das Letras, 2001.

SIMMEL, Georg. Algumas “Reflexões sobre a Prostituição no Presente e no Futuro”. *In*: SIMMEL, Georg. **Filosofia do amor**. 3. ed. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2006.

WEBER, Max. Parte III - Religiões Mundiais – Uma consideração intermediária: Teoria dos Estágios e direções da rejeição religiosa do mundo. *In*: WEBER, Max. **Ética Econômica das Religiões Mundiais**: Ensaio comparado de sociologia da religião. Vozes, 2016.

ZELIZER, Viviana A. Rotman. **A negociação da intimidade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

Submetido em: 01/09/2022

Aprovado em: 15/10/2023